

07

Pensar a Representação
Objetos e Processos

PAR

*O Velho
Louco por
Desenho*¹

Isabel Baraona

<https://doi.org/10.25766/x7n0-vc10>

Le sentiment de la vie chez Hokusai est un sentiment religieux.

Henri Focillon²

Filho de um artesão fabricante de espelhos, apesar do seu renome como artista, Hokusai (1760-1849) era caracterizado pelos seus contemporâneos como uma espécie de monge nómada algo excêntrico. Para além de um assombroso número de pinturas, desenhos e gravuras, foi autor de um guia sobre desenho e de um tratado sobre a preparação da cor (1848), mas também de poesia, contos para crianças e de um número desconhecido de curtos romances e histórias de aventuras, que ilustrava e publicava em edições baratas. A sua virtuosidade técnica terá sido resultado de um estudo aprofundado junto a um conjunto de mestres mas foi também, certamente, fruto das experiências documentadas pelos seus contemporâneos, como usar cascas de ovos, penas ou outros materiais considerados pouco convencionais para desenhar. É amplamente conhecido o episódio de um concurso promovido pelo Shogun Iyénari, entre Hokusai e o pintor chinês Shazanro Bountcho, para testar a mestria de ambos os artistas. Hokusai, após pintar sobre papel sinuosas linhas simulando um córrego, tingiu de vermelho as patas de um galo que, ao caminhar sobre a folha, “desenha” as folhas outonais e avermelhadas do ácer. Uma nota datada de 1835 escrita por um dos seus editores – Rozan Ko –, sobre o conjunto das gravuras dedicadas ao Monte Fuji, mostra bem a admiração dos seus pares: *O velho homem Hokusai pintou-o cem vezes, e a perfeição dos seus desenhos é impregnada de vida.*³

Aparentemente alheio à fama, Hokusai adoptou cerca de 30 diferentes nomes ao longo da sua vida. O assumir de um novo nome estava por vezes relacionado com a sua fixação (temporária) num novo local, com um período passado junto a um mestre ou num atelier, com uma nova série de trabalhos. Passo a citar três exemplos demonstrativos: – a célebre *Vaga ao largo de Kanawaga* (1830) é assinada com o nome Hokusai Aratame Iitsu Hitsu, sendo que Iitsu significa “um novo ano” ou “mais um ano”. Posteriormente, aos 75 anos escreve um breve

texto auto-biográfico usando o nome Gakyôrojin, ou seja, o velho louco por desenho⁴. Nos últimos anos de vida (auto)denominou-se Hokusai Manji – literalmente Hokusai Dez mil anos⁵. Adepto do budismo fez diversas peregrinações e, a sua vida modesta e despojada de luxos, fez com que os monges que dele cuidaram no Mosteiro de Sékiôji lhe atribuíssem o nome póstumo de *Homem sincero*.

Em vida, Calouste Gulbenkian adquiriu uma colecção de gravuras dos séculos XVIII e XIX, um conjunto de cerca de 200 estampas japonesas actualmente em depósito na Fundação. Estas obras, habitualmente em reserva a bem da sua conservação, estão documentadas em catálogos e têm sido alvo de diversas exposições. A Biblioteca Nacional de França tem colaborado com diversas editoras – Gallimard, Hazan, Éditions Philippe Picquier, entre outros projetos editoriais de pequena escala como o Atelier de Bibliophilie Populaire/ ORBIS PICTUS CLUB – na reedição de álbuns de gravuras, *fac-similes* de livros originais de Hokusai, Kyôsei, Keisai, Utamaro, entre outros, pertencentes à sua vasta colecção. São estas (re)edições acessíveis ao público que nos permitem fruir longamente destes belos objetos gráficos e estudar estes artistas que, a partir de meados do século XIX, tanto influenciaram as artes visuais e decorativas europeias.

Hokusai é, por excelência, um mestre de *oukiyô yê*, expressão que é, nos dias de hoje, traduzida como *imagens do mundo flutuante* mas que Edmond de Goncourt designa como *imagens da vida vulgar*, apontando que seria mais correcto entender como *a vida quotidiana, a vida como ela rigorosamente se apresenta aos olhos do pintor*.⁶

Com uma obra extensa e diversificada, Hokusai não é o primeiro a compilar e publicar um grande número de esboços e desenhos anotados do natural, ou seja de observação directa. Mas é o primeiro a reunir e organizar em volumes um tão extenso conjunto de desenhos. São 4.000 desenhos divididos em 15 volumes de *Manga*⁷, sendo que o primeiro publicado em 1814 tem como *sub-título Iniciação à transmissão da essência das coisas*.⁸ O caderno *Hokusai Manga* publicado em 2014 pela Gallimard é um *fac-simile*, uma recolha feita a partir de uma colecção particular não identificada, em depósito no acervo da Biblioteca Nacional de França.

Nos cadernos de *Manga todo o mundo* – no sentido de todas as classes sociais e profissões –, são representadas: variados animais (pássaros e quadrúpedes) e as mais diversas plantas, dignitários e nobres, cortesãs, actores e as suas máscaras, lutadores preparando-se, as caretas dos actores, os mergulhadores

que emergem à tona de água, monges em passo de dança, o momento do banho, os agitados movimentos dos acrobatas e saltimbancos, etc. São desenhos feitos com uma linha ininterrupta e tensa, poderíamos supor que a linha segue a rapidez de alguns dos personagens representados, uma linha saltimbanco. Nesta época, diferentemente dos pintores europeus que geralmente utilizam um cavalete quase na vertical e pintavam com uma tinta viscosa e oleosa, no Japão, o suporte é colocado na horizontal, a tinta é aquosa, o impulso para traçar uma linha fluida vem do sopro, o movimento parte do ombro, modelado pelo pulso. Em 1878, Edmond de Goncourt anota no seu diário uma curiosa lição do pintor Watanobé Sei: *O desenho, para ser precioso no Japão, (...) deve ser feito sem retoques na linha, sem emendas. Damos mesmo uma grande importância à rapidez do fazer (...)*.⁹ A preocupação com a fidelidade da representação do objeto observado é apenas igualada pela exigência de emanar um elegante e expressivo traço.

Em 2008, a Editora Hazan publicou um *fac-simile* de uma das duas versões editadas em 1840, impressa a cinzento e em cor-de-rosa claro, das *Cem vistas do Monte Fuji*. Se a gama cromática reduz-se a um rosa claro e uma variada gama de cinzentos, as sobreposições de planos de cor e o branco do papel são habilmente utilizados para produzir complexos jogos de transparências. O branco do papel, que se entrevê entre os planos de cor, não se lê como vazio mas como um valor cromático, como abertura (nuvens ou espuma das ondas) ou brilho (da água, por exemplo).

Este é um objeto luxuoso que prima pelo detalhe cuidado: um (bom) papel de arroz ligeiramente amarelado que valoriza a paleta restrita, uma capa externa que se fecha atando 3 fitas de tecido vermelho escuro. A edição compreende 3 volumes encadernados com capas soltas, que se distinguem pelas inscrições em relevo, ao qual se junta um compêndio sumário com texto genérico sobre a obra de Hokusai, assim como uns breves comentários explicativos, designando especificidades de cada uma das gravuras.

Tal como na edição de 1840, os três volumes compilam na realidade 102 vistas do Monte Fuji, elemento que domina um grande número de composições mas que em certas pranchas é apenas um apontamento na linha do horizonte, uma sombra no reflexo ondulante da água¹⁰, uma silhueta desvelada por entre os fios de uma teia de aranha ou recortada por uma floresta de bambus¹². Este conjunto de imagens testemunha também as várias etapas da viagem feita por Hokusai e o seu encontro com muitos outros viajantes; o que inclui a observação dos momentos de descanso e alegre convívio, ou o cavalo que pasta por

baixo de uma chuva de folhas de Outono⁵, a complicada atrelagem de carros e charretes.

Nestas pranchas encontramos cenas da apanha de cogumelos no Outono e de lenha no Inverno, assim como da floração das cerejeiras carregadas de rebentos em flor e a abundância dos arrozais. Dir-se-ia que Hokusai mapeia o mundo e tudo o que o rodeia é observado com igual interesse. Estas imagens mostram-nos, quiçá, uma natureza sagrada, testemunhando que tudo o que vive é efêmero e passageiro, entendendo à letra a expressão *imagens de um mundo flutuante*: no sentido de volúvel ou inconstante. Apontamos ainda a constante procura de uma linha expressiva que sintetize matérias e texturas ondulantes da superfície dos elementos naturais e primordiais aos quais são muitas vezes atribuídas conotações simbólicas: a água (do rio, do mar, da chuva), a bruma, o vento, o trovão, as mais imponentes árvores e as flores mais efémeras, todo o tipo de animais míticos e reais e os mais pequenos e frágeis insectos. Trata-se de desenhos, simultaneamente concisos na economia do gesto que traça a linha, mas sugestivos e plenos de vida. De Hokusai, Focillon diz que é um *prodigioso enciclopedista da vida*¹⁴, sublinhando que *a rua é o atelier de Hokusai, o povo o seu modelo; a epopeia dos ofícios é a mais bela e a mais vasta aos seus olhos*¹⁵.

Em termos do desenho devemos aludir ao grande detalhe e dinamismo das composições, assim como a uma tensão permanente entre a fragilidade dos personagens e a (monumental) escala da paisagem. *Cem vistas do Monte Fuji* é sobretudo uma meditação sobre a natureza efémera do mundo que nos rodeia e das (suas) imagens, sobre a resiliência da vida quotidiana e as tarefas próprias às diferentes estações do ano e, sobre o poder deslumbrante e ameaçador da natureza.

NOTAS

¹ Tradução do título da nota de apresentação escrita por Nelly Delay em Hokusai – *Les cent vues du Mont Fuji*. (2008). Hazan. Uma primeira versão deste artigo foi publicada na revista *Imaginar 54*. Revista da Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, 123-124.

² Focillon, Henri. (2005). *Hokusai*. Fage Edition.

³ Delay, N. (2008). *Hokusai – Les cent vues du Mont Fuji*. Hazan. (tradução livre).

⁴ Em *Degas Dança Desenho* (Cosac & Naify, 2003), Paul Valéry intitula um dos textos “Degas, louco por desenho...”. A partir de um episódio biográfico do pintor mas sem citar o nome de Hokusai, narra:

Aos setenta anos de idade, disse a Ernest Rouart – *É preciso ter uma ideia elevada, não do que se faz, mas do que se poderá fazer um dia; sem o quê não vale a pena trabalhar*, (p. 121).

⁵ Forrer, M. (1996). – *Hokusai*. S/L, Bibliothèque de l'Image.

⁶ Goncourt, E. (1922). *Hokusai, L'art japonais au XVIII siècle*. Flammarion/Eugene Fasquelle.

⁷ Ou Mangwa, termo que Goncourt propõe traduzir como *o desenho tal como aparece espontaneamente*. In Edmond de Goncourt (1922). *Hokus japonais au XVIII siècle*. Flammarion/Eugene Fasquelle.

⁸ Ruspol, D. (2014). *Hokusai Manga*. Gallimard.

⁹ *Repentir* (no original em itálico) significa primeiramente sem arrependimento mas dado o contexto pode também significar sem correções no curso de execução. *Le dessin, pour être précieux au Japon, (...) doit être fait sans aucune reprise du trait, sans aucun repentir. On attache même une certaine importance à la rapidité du faire*. In H. Focillon (2005). *Hokusai* (p.39). Fage Edition.

¹⁰ Delay, N. (2008). *Hokusai – Les cent vues du Mont Fuji*. Vol. II, gravura número 37. Hazan.

¹¹ *Ibidem*, Vol. III, gravura número 72.

¹² *Ibidem*, Vol. II, gravura número 34.

¹³ *Ibidem*, Vol. I, gravura número 19.

¹⁴ Tradução livre de *Hokusai, un prodigieux encyclopédiste de la vie*. Focillon, H. (2005). *Hokusai* (p. 22). Fage Edition.

¹⁵ Tradução livre de *C'est que la rue est l'atelier d'Hokusai, le peuple son modele; l'épopée dès métiers est la plus belle et la plus vaste à ses yeux*. Focillon, H. (2005). *Hokusai* (p.120). Fage Edition.